Proletários de todos os países, uní-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 92 Dezembro de 1974 Ano X

A ORIENTAÇÃO DOS GENERAIS FASCISTAS

Após o impacto da derrota de 15 de novembro, os militares e seus acólitos voltam a fazer declarações públicas para reafirmar intentos liberticidas e insistir no objetivo de manter a todo custo o regime fascista condenado pela imensa maioria da nação. Deixam claro o sentido das manobras políticas em curso, conduzidas por Ernesto Geisel, destinadas essencialmente a reforçar a posição dos que controlam o Poder. E sem o desejar, jogam água fria no ardor entusiástico dos oportunistas, prenhes de ilusões em aberturas democráticas provenientes do atual governo.

O brigadeiro Terra de Farias foi o primeiro a bater com a língua nos dentes, aproveitando a data de 27 de novembro. Numa oração empolada, e falando pelas Três Armas, repetiu surradas falsidades para denegrir o glorioso levante aliancista de 1935 e tratou de explicar a estreita concepção dos governantes sobre o processo evolutivo brasileiro assim como o que pretendem ao admitir franquias supostamente liberais do tipo das eleições recém-realizadas. Disse que verdadeiro povo são as Forças Armadas - em tal implica sua declaração de que estas constituem "povo por excelência". Raciocinando em termos esquemáticos, próprios dos que seguem a carreira que abraçou, apresenta a marcha dos acontecimentos históricos no país como uma sequência de desafios e de respostas. Os desafios seriam as manifestações das massas exigindo mudanças na ordem constituída e as respostas a ação pronta das Forças Armadas em defesa dessa ordem. Alegou que isto acontecera em 1935 (e em 1937?), em 1942(ou 45?) e em 1964. E tal - acentuou - ocorrerá também no futuro. Com estas poucas palavras ele definiu o papel reservado às Forças Armadas que é o de defender os interesses retrógrados e antinacionais alicerçados na ordem imperante e reprimir pela violência os movimentos progressistas e patrióticos. Na realidade, toda luta que represente as sentidas aspirações das grandes massas é considerada pelos militares como desafios inadmissíveis demandando réplicas contundentes. E assim vem sucedendo há muito tempo. No passado, após os golpes desencadeados para barrar o ascenso das lutas populares e em seguida à imposição de medidas arbitrárias, eles se retiravam da cena. Em 1964 assumiram o Poder, implantaram uma ditadura fascista que há mais de dez anos oprime a nação. À frente do Estado, as Forças Armadas - "povo por excelência" - passaram a negar os mais elementares direitos do cidadão, a perseguir patriotas e democratas, a torturar e assassinar os adversários decididos da tirania, a arrochar os salários e a fomentar os lucros, sobretudo os dos monopólios estrangeiros. Ao que parece, a resposta se tornou permanente, já não exige desafio para que se faça atuante. Mas o brigadeiro não ficou apenas no binômio desafio-resposta. Falou igualmente sobre um liberalismo pragmático de pura invenção brasileira. Os governos militares - indicou - recorrem a variadas formas de comportamento para canalizar divergências em proveito do regime. As "eleições" seriam uma dessas formas; o "diálogo" construtivo, outra. Certas liberalidades são permissíveis desde que interessem à reação e revertam no forta-

lecimento do Sistema implantado com o golpe de 1º de abril. Unicamente em tais condições. Nisto consiste o pragmatismo que defendem. É através dele que os generais tencionam ampliar a base política da ditadura e institucionalizar o fascismo. Como, porém, há possibilidade de surgirem pressões contestatórias ele adverte: "Permanecem vigilantes os mecanismos de defesa do regime, aptos ao desencadeamento da dinâmica desafio-resposta, toda vez que os valores básicos que elegemos como nossos possam ser ameaçados por forças desagregadoras".

O segundo pronunciamento foi do sr. Armando Falcão, ministro da Justiça. Ele distribuiu uma nota à imprensa, negando-se a responder perguntas diretamente formuladas pelos jornalistas. Com um cinismo de pasmar, o velho serviçal dos generais, policial e provocador por vocação, afirmou que, em 1964, "o Brasil fez a revolução para salvar a democracia". Então - asseverou - "a tranquilidade social se substituía pela continuada perturbação das greves, o direito de propriedade (dos latifundiários, é claro - N.R.) se contestava na invasão violenta das terras rurais, a disciplina e a hierarquia militares eram subvertidas". Em suma, reinava o desafio, como diria o orador do 27 de novembro. Por isso, surgira a "revolução" de 64, "democrática, nas origens e nos fins"... Sublinhou a seguir que era preciso repetir estas verdades porque a juventude não conhece o passado e pode desviar-se do caminho apontado pelos militares. Ocorre que a juventude, como todo o povo, conhece muito bem o presente - presente de opressão, de entreguismo, de exploração feroz dos trabalhadores, de riqueza para uns poucos e de pobreza e dificuldades para a grande maioria. Todos sabem que a contra-revolução de 64 transformou o Brasil no paraíso do capital estrangeiro. E que os generais se autonomearam tutores da nação. Precisamente por isso, o regime atual é odiado. O substituto do sr. Buzaid, também se referiu às eleições, ao voto e ao Congresso que, no seu entender, estavam, no passado, "sendo deliberadamente destruídos". Disse que o povo compareceu em massa às urnas, "desmoralizando assim a campanha interna e externa da chamada 'farsa eleitoral' ". Seu raciocínio até parece o do personagem de certa peça teatral burlesca que afirmava solenemente ser o rei um tirano muito popular porque o povo acorrera maciçamente a palácio... armado de paus e pedras procurando o rei por todos os cantos. Milhões de brasileiros foram às urnas, é verdade, mas para repudiar abertamente a farsa eleitoral. Uns lavraram seu protesto repelindo os candidatos do governo; outros anularam o voto ou votaram em branco para marcar sua rejeição à ditadura. O resultado assinalou uma grave derrota do Sistema. Apesar de farsa, no pleito de 15 de novembro também concorreram democratas. Mas os eleitos que se cuidem! O ministro da Justiça anunciou que "o patriotismo e o equilíbrio (melhor dito: a submissão e a moderação de atitudes) hão de colocar-se acima de tendências extremadas, que se traduz em provocações e na contestação da revolução de 31 de março". É assim que ele admite os êxitos da oposição consentida. Se tais tendências se manifestarem ... o desafio terá sua resposta. E não seria a primeira vez. Em 1969, dezenas de parlamentares foram cassados porque se negaram a conceder licença para processar um jovem deputado que denunciara crimes da polícia política. Recentemente, também foi cassado Francisco Pinto que se encontra no cárcere cumprindo pena por haver dito algumas verdades a respeito da conduta criminosa do general que pontifica no Chile. Eleições e Congresso entram no plano pragmático da ditadura. São adornos legalistas do regime, pois o que prevalece é o Poder dos generais, arbitrário, repressivo, indivisível. E para que ninguém se equivoque, Falcão acentuou, em sua nota, "que se mantém perfeitamente íntegra, em pleno e absoluto vigor, a legislação revolucionária própria - ordinária e extraordinária - que oferece ao governo o indispensável suporte jurídico para preservar a Ordem e a Paz". Essa legislação chama-se AI-5, 477, Censura etc. com seus complementos naturais - a OBAN, o CENIMAR, os DOIs, os Esquadrões da Morte, a Justiça Militar. A ordem acima de tudo, legenda dos militares, é o que Falcão defende. E a ordem dos dias de hoje é o despotismo.

A terceira manifestação pública veio do general Alzir Benjamin, um ilustre desconhecido, mas comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Na solenidade de diplomação de 105 oficiais que terminaram o curso, falou de novas ameaças que se estariam formando "num mundo que se consome e

subitamente reconheceu seu declínio ecológico". Para um diretor da Escola de Comando, a frase é bem expressiva e mostra a que grau chegou a burrice nos quartéis. Declínio seguramente é o dele e dos que, como ele, se obstinam na opressão dos povos e no desejo irrealizável de conter o avanço da Humanidade. Mas a passagem principal de seu discurso é aquela em que alerta os formandos "para a necessidade de se atentar sempre para a segurança (isto é, a repressão), pois ela é e será, talvez em escala maior, condição do próprio desenvolvimento da Nação". Que quer dizer com isto? Que talvez se necessite maior endurecimento do fascismo. Benjamin sente que o descontentamento cresce, que os protestos se multiplicam, que os generais se isolam; dá-se conta de que o povo não ficará inerte e procurará defender seus interesses vitais. Por isso, vê na "segurança" a salvação. Acredita que ela será suficiente para conservar - por tempo indeterminado as posições de mando nas mãos dos militares.

Aí estão tres pronunciamentos políticos de porta-vozes autorizados do regime. Alto e bom som, declararam que nada vai mudar de essencial na orientação até aqui seguida. Mas disseram também enfaticamente que o governo utilizará certas manobras, o liberalismo pragmático, para tentar reforçar o Sistema e assegurar sua continuidade. Que se engane quem quiser ! Todavia, esses são desejos dos que dominam a máquina estatal. Se poderão realizá-lo é outra coisa. Os generais já não são tão fortes como procuram aparecer. Encontram-se visivelmente desgastados. O carro da contra-revolução de 64 anda - aos trancos e barrancos.

Os revolucionários estão convencidos que o povo brasileiro responderá como é devido às pretensões da camarilha fascista. A meta imediata é a conquista da liberdade. Esta conquista, porém, não se alcançará sem golpear profundamente o baluarte da opressão, do reacionarismo, da dependência ao capital estrangeiro que são as Forças Armadas . É preciso derrotá-las, juntamente com a reação interna e o imperialismo. E derrotá-los significa por abaixo a ditadura militar a fim de abrir caminho ao progresso, à democracia e à verdadeira independência nacional

---

INFAME TRAFICÂNCIA (CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4)

"prioritariamente" os interesses do imperialismo. Não será difícil, desse modo, aos grupos estrangeiros organizarem projetos que preencham os requisitos da "prioridade" e tenham acolhida favorável. Se antes, esses grupos já vinham se apossando de imensas porções do território nacional usando o rótulo de "empresas agrícolas", doravante, com a queda do dispositivo acerca dos limites - legais, sua expansão e dominação serão avassaladoras.

Esse decreto de Geisel, que faz tão vergonhosa e criminosa concessão de nossas terras, representa mais um duríssimo golpe para as massas de milhões de camponeses que secularmente aspiram a um pedaço de chão e não o conseguem, esmagados que vivem pela opressão dos latifundiários e dos grandes capitalistas e pela brutalidade da repressão militar. Patenteia também grave lesão aos interesses do povo que não se conforma com a carestia de vida, a escassez de alimentos, a pobreza do mercado interno e a crescente dependência - do país aos monopólios alienígenas, sobretudo norte-americanos. Paira, enfim, sobre o Brasil a ameaça de voltar a ser, como no passado, mero fornecedor de gêneros alimentícios e de matérias-primas para as metrópoles imperialistas.

As forças patrióticas e democráticas, certamente, condenarão com a máxima energia a infame traficância, não permitirão que as terras brasileiras sejam leiloadas pela ditadura e saberão encontrar as formas de unir o povo em defesa da integridade territorial e da soberania nacional.

I I I I I I I I I I I

* *

INFAME TRAFICÂNCIA

A cada passo, o governo Geisel vem revelando seu deslavado entreguismo. Ainda agora assinou um decreto regulamentando a venda de terras a estrangeiros que é um dos mais vergonhosos e subservientes já promulgados pelo regime militar. O que não fizeram os generais que o antecederam no posto presidencial, Geisel, obedecendo às conveniências dos imperialistas ianques de converter o Brasil numa grande nação agrícola, fêz: modificou a legislação limitativa existente sobre o assunto, suprimindo os últimos resquícios de defesa dos interesses nacionais nela contidos.

Em virtude de denúncias acerca da escandalosa aquisição de milhões de hectares, de municípios inteiros, por parte de pessoas físicas e de grupos capitalistas forâneos, como os norte-americanos Stanley Selig, em Goiás, Daniel Ludwig, no Pará, C. L. Mc Elroy na Bahia, "Texas Ranch" e outros, o general Costa e Silva viu-se obrigado a refrear as negociatas com as terras brasileiras. Não proibiu totalmente que elas fossem adquiridas por preço de banana mas estabeleceu que o tamanho das glebas cedidas não podiam ultrapassar 5 mil hectares em áreas contíguas e que os estrangeiros compradores residissem no Brasil. Caso os pretendentes necessitassem de áreas maiores, deviam submeter seus pedidos ao Senado da República. É claro que essas disposições da lei constituiam pura formalidade. Tanto assim que não se conhece nenhum caso de recusa aos apetites dos Rockefeller, Souza Cruz, Wolkswagen e outros que formaram grandes fazendas, sobretudo na Amazônia. O próprio Daniel Ludwig, que comprou mais de um milhão e meio de hectares no Jari (Pará), depois de ter sua transação ameaçada de inquérito, recebeu encorajamentos oficiais, sendo até mesmo visitado por Médici em seu feudo. Como resultado, poderosos grupos econômicos internacionais aumentaram o controle sobre o campo brasileiro e expandiram mais suas propriedades. Afastado Costa e Silva, a primeira providência da Junta Militar que o substituiu foi a de revogar a legislação referida, permanecendo o princípio da não concessão de terras a estrangeiros residentes fora do país, o qual foi incorporado à Constituição outorgada, de 17 de Outubro de 1969. E durante seu período de ditador de plantão, Médici não se atreveu a reformulá-lo ou aboli-lo.

Com o atual decreto, Geisel "desburocratiza" o processo até então vigente. Tira ao Senado a competência da aprovação dos pedidos de compra de terras por estrangeiros e a transfere para a Secretaria do Conselho de Segurança Nacional. Aparentemente, a aquisição fica mais difícil, porque sujeita a exame mais rigoroso. Na prática, porém, a anuência do Conselho facilita-a. Não que o Senado seja menos entreguista, mas porque no Conselho de Segurança o grande público nem ao menos toma conhecimento das pretensões dos grupos estrangeiros. Acresce que o novo ato governamental suprime a exigência da obrigatoriedade de residência no país ao adquirente de terras. Admite que mesmo residindo no exterior, o estrangeiro pode comprá-las uma vez que se comprometa a vir para o Brasil no prazo de tres anos" O decreto determina ainda que a área do imóvel rural adquirido não ultrapasse 1/4 da área total do município e que 30% de toda a área de colonização esteja em mãos de brasileiros, mas tais restrições podem ser anuladas ou ignoradas desde que se trate de "imóvel rural vinculado a projetos prioritários em face dos planos de desenvolvimento do país". Além disso, o presidente da República fica com o direito de, "ouvido o Conselho de Segurança Nacional", aumentar o limite de 50 módulos fixados para áreas compradas por pessoas físicas estrangeiras. Desse modo, mesmo as restrições teóricas são eliminadas e os grupos internacionais podem abocanhar quantas terras queiram. Neste sentido, as palavras do decreto são letra morta, não passam de tênue véu para encobrir a despudorada traição de Geisel e seus comparsas. Basta lembrar que a política agrária da ditadura definiu como padrão para a agricultura as "grandes empresas rurais" a fim de satisfazer

Continua na página 3

SAUDAÇÃO DOS COMUNISTAS URUGUAIOS

(Mensagem enviada ao Partido Comunista do Brasil pelo Partido Comunista Revolucionário do Uruguai)

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Queridos camaradas:

Hoje se cumpre cinquenta e dois anos da fundação de seu Partido, o destacamento de vanguarda da classe operária do Brasil, e aproveitamos este acontecimento para destacar a fraternidade que une nossos dois Partidos.

Estamos convencidos, do mesmo modo que vocês, que "no quadro da revolução mundial, o fortalecimento do partido comunista de cada país é parte da estratégia do proletariado internacional em sua luta contra o capitalismo e pelo socialismo" e "por isso a sorte de cada partido comunista nao diz respeito somente a ele como também a todo o movimento comunista em seu conjunto".

É por isso que ao se comemorar este novo aniversário reafirmamos nossa convicção de que "um brilhante futuro está reservado ao Partido Comunista do Brasil, sejam quais forem as dificuldades a enfrentar. Conduzirá a luta pela emancipaçao nacional e social do povo brasileiro. Dirigirá a construção do socialismo. Ele e somente ele estará à frente dos trabalhadores até a edificação da sociedade comunista".

O Partido Comunista do Brasil e o Partido Comunista Revolucionário do Uruguai são irmãos ao enfrentar o inimigo principal, o imperialismo norte-americano e seus aliados internos que têm sua expressão política nas ditaduras - militares que hoje oprimem nossos povos. São irmãos ao sustentar a defesa do marxismo-leninismo e ao opor-se resolutamente ao revisionismo, ao conduzir a luta pela emancipação de nossos dois povos e contra as duas superpotências - que hoje se disputam também na América Latina, ao reafirmar que a forma principal de luta é a luta armada, sem a qual não se derrotará a dominaçao imperialista e que essa luta será a guerra popular, ao manter uma estreita amizade e solidariedade com o irmão Partido Comunista da China, sob a sábia liderança do camarada Mao Tsetung, e com o fraterno Partido do Trabalho da Albânia, sob a sábia direção do camarada Enver Hodja, que constituem os destacamentos fundamentais da revolução mundial e da construção do socialismo, assim como com todos os verdadeiros partidos comunistas do mundo.

Nosso Partido é jovem e tem ainda relativamente pouca experiência, mas com a contribuição dos riquíssimos ensinamentos do proletariado internacional e entre eles os dos cinquenta e dois anos de lutas do Partido Comunista do Brasil, saberá conduzir o povo uruguaio na tarefa de por abaixo a ditadura militar-fascista, abrindo o caminho da revolução nacional e democrática, em direção ao socialismo.

Viva o 52º aniversário do Partido Comunista do Brasil

Viva a fraternidade entre o Partido Comunista do Brasil e o Partido Comunista Revolucionário do Uruguai!

Viva o Internacionalismo Proletário!

O Secretariado do Comitê Central do Partido Comunista Revolucionário do Uruguai

A CONTRA-REVOLUÇÃO AUMENTA SEUS EFETIVOS

Os atuais governantes anunciaram, há poucos dias, novas medidas visando ao reforçamento do poderio bélico das Forças Armadas e da capacidade repressiva dos órgãos policiais. O Exército terá seus efetivos acrescidos de 10% , indo para 180 mil homens e a Polícia Federal ampliará seus quadros de 3 mil para 17 mil agentes.

O extraordinário aumento dos contingentes da principal corporação militar, vale dizer, da mais importante peça do poder político, foi assim justificado pelo ministro-general Sílvio Frota:"Imposições conjunturais, relacionadas com a segurança interna do país (...) levaram o Exército a aparelhar-se para fazer face à nova dimensão apresentada pela guerra revolucionária (...)tomar a si a responsabilidade de planejar e coordenar as ações contra o terrorismo que passou a ameaçar a tranquilidade da vida nacional". O ministro da Justiça alegou mais ou menos os mesmos motivos para multiplicar o número dos policiais federais.

Seguindo idêntico critério, é inevitável que a Marinha e a Aeronáutica, cujos efetivos somam hoje 44 mil e 35 mil homens, respectivamente, também tratem de elevá-los em alguns milhares. Não é preciso ser adivinho para prever que as Polícias Militares dos Estados, subordinadas ao Exército, bem como os demais órgãos do aparelho repressivo, providenciarão igualmente a expansão de suas forças, invocando semelhantes necessidades. E se levarmos em conta que os latifundiários contratam sempre maior quantidade de capangas e nas cidades se difundem organizações encarregadas de formar exércitos particulares de proteção a empresas, bancos etc., é fácil concluir que a contra-revolução se arma febrilmente, mostrando-se disposta a recorrer à violência em ampla escala.

Essas medidas constituem categórico desmentido às versões oficiais de que a nação vive em clima de ordem e paz, que o "terrorismo" e a "subversão" se acham debelados. Contrastam de modo indiscutível com o tão propalado propósito de paulatina "reabertura" e lento aprimoramento das instituições "democráticas". Negam, de maneira formal, a proclamada necessidade de o povo fazer maiores sacrifícios e evitar gastos supérfluos em favor de um futuro e hipotético bem-estar para todos. Na prática, tais medidas são uma resposta claríssima aos que ainda alimentam ilusões quanto à viabilidade de um caminho pacífico,ou de que as eleições, sob o regime militar, sejam um meio válido para restaurar o Estado de Direito e fortalecer o poder civil. Evidenciam sobretudo que os generais não se enganam a respeito do verdadeiro estado de espírito das massas nem demonstram nenhuma vontade de devolver por bem as posições que usurparam e, por isso, prosseguem na realização de seu plano de guerra sem quartel contra o povo.

Os preparativos militares revelam o sentido real da evolução política do país, não deixam margem a dúvidas sobre os objetivos da ditadura. Já nas vésperas de 1964, quando as Forças Armadas ainda usavam, com a ajuda dos revisionistas de Prestes, a máscara de defensoras da legalidade constitucional e de portadoras de sentimentos democráticos, elas elaboravam sua doutrina considerando o povo como o inimigo número um, doutrina que se aprestaram a executar sob a inspiração e com o apoio do Pentágono. Se bem que jamais tivessem abandonado os intentos expansionistas, defendidos por setores reacionários, em relação aos países vizinhos e os desejos de exercer papel de gendarme no Continente, o certo é que o centro de sua atividade se voltou para o esmagamento do movimento popular e antiimperialista, para impedir que se processassem no país transformações de caráter democrático, progressista. Após o golpe contra-revo-

lucionário de 1º de abril, os generais despenderam verbas vultosas, recorreram até a decretos clandestinos a fim de introduzir modificações na estrutura das Forças Armadas, modernizá-las e equipá-las com grande quantidade de armamentos. Os serviços de informações estenderam-se e aperfeiçoaram-se, elevaram-se ao nível de Arma, equiparando-se em importância às demais. Foram criados Centros de Informações em diversas áreas com o objetivo de infiltração nos movimentos progressistas e de liquidação das forças populares. Recentemente, sob o controle do Exército, constituíram-se destacamentos especiais, que combinam espionagem e repressão, denominados Centros de Operações de Defesa Interna - (CODI), adjuntos ao comando de cada Corpo de Exército. As antigas unidades de combate sofreram alterações, ampliaram-se e "interiorizaram-se". Vários Batalhões de Infantaria da Selva instalaram-se na Amazônia e há planos para o estabelecimento de outros. Todas as Regiões Militares contam com Batalhões ou Companhias de Polícia do Exército. Os Batalhões Ferroviários e os Batalhões - Rodoviários transformaram-se em Batalhões de Engenharia de Combate e centralizam os planos de construção de estradas estratégicas e de implantação de meios rápidos de comunicação.

Para se ter melhor noção do processo de modernização e reaparelhamento a que se entregam as Forças Armadas, é oportuno lembrar que o Exército substituiu seus velhos fuzis pelos FAL e por fuzis-metralhadoras americanos M-14; renovou toda a frota de viaturas e suas unidades motomecanizadas, adquirindo nos Estados Unidos tanques M-41, armas antitanques e lança-foguetes; em colaboração com a Força Aérea, ampliou as unidades aero-transportadas até o efetivo de uma Divisão completa, deslocáveis em aviões C-30, C-90 (Bandeirante) ou helicópteros. A Marinha, contando com mais de 220 belonaves e a Aeronáutica, com mais de 200 aviões e de 130 helicópteros, não querem ficar atrás nessa - corrida às armas.

Com a última elevação de seus efetivos, a composição do Exército alcançará de 13 a 15 Divisões, sendo uma Blindada, 4 ou 5 Motomecanizadas, 7 ou 8 de Infantaria e 1 Aero-transportada. Desta forma, o Exército brasileiro é o mais numeroso e o mais poderoso da América Latina.

Por conseguinte, quando o ministro do Exército da ditadura se refere a "imposições conjunturais" e declara que se apronta para enfrentar "a nova dimensão apresentada pela guerra revolucionária" não está fazendo retórica. Isto significa que os generais, bastante assustados, têm consciência de que o descontentamento popular pode assumir maiores proporções e extravasar em grandes lutas. Apesar de tudo virem fazendo para sufocar a luta armada do Araguaia, esta não só subsiste como transtorna seu sono. Vivem apreensivos. Percebem que o povo brasileiro aprenderá o manejo das armas e fatalmente solucionará à sua própria maneira o problema da derrubada da ditadura, varrendo da cena, definitivamente, os militares fascistas. Sentem que a resistência popular tomará inexoravelmente o caminho da luta armada, seguirá o exemplo glorioso dos combatentes do Araguaia. Por isso, sonegam a menor notícia sobre o movimento - guerrilheiro que dura há mais de dois anos e meio. E, ultimamente, numa evidente manifestação de fraqueza, recorrem a boatos e provocações, a fim de confundir a opinião democrática, já que não podem confessar ter a luta armada - surgido no campo desde abril de 1972, mantendo-se até hoje com grande heroísmo.

No entanto, por ironia da história, quanto mais armas compram, mais efetivos incorporam e mais terror empregam, tanto mais contribuem para aumentar a resistência do povo e elevar o nível de suas ações. As fabulosas verbas de bilhões de dólares gastas com a aquisição, a manutenção e o uso de novos - armamentos ocasionam profunda sangria na economia nacional, alargam as bases da crise em que se debate o país. Ao treinar novos contingentes com a finalidade de massacrar camponeses, operários e estudantes revoltados com a situação, os militares acabam despertando no seio da tropa movimentos de protesto e de insubordinação já que a maioria dos soldados é originária do povo.

Pela lógica dos acontecimentos, a revolução, que aparentemente está dé

Continua na página 10

AS COMEMORAÇÕES DO 29/11 NA ALBÂNIA

As comemorações do 30º aniversário do triunfo da revolução popular na Albânia constituíram acontecimento de elevada significação revolucionária e alcançaram larga repercussão internacional. Erguendo bem alto a bandeira gloriosa do marxismo-leninismo e da construção de um novo sistema social, que tem na classe operária a força dirigente, o povo albanês festejou jubiloso a data de 29 de novembro em que nasceu a República Popular, marco de uma nova era na vida da pequena mas valorosa nação do Adriático.

Todo o país viveu com intensidade a preparação das festas do grande aniversário e uniu-se estreitamente em torno a sua gloriosa vanguarda - o Partido do Trabalho da Albânia, e a seus provados e honrados dirigentes, à frente o camarada Enver Hodja, um dos chefes proeminentes do movimento comunista albanês e mundial, para manifestar sua alegria e seu vigoroso entusiasmo pela passagem dos trinta anos da vitória sobre o nazi-fascismo e as forças da reação interna.

Nas cidades e aldeias, nas fábricas e usinas, escolas e cooperativas houve ativa mobilização em homenagem ao dia que consagra a libertação popular. Meses, semanas antes, os operários e camponeses saudavam-no multiplicando esforços para elevar mais ainda os níveis de produção e cumprir com antecedência os planos estatais. Em toda parte, os trabalhadores faziam o balanço de sua atividade e procuravam verificar até que ponto estavam respondendo às necessidades do pleno desenvolvimento do socialismo. Os resultados, nos distintos setores, foram depois sintetizados e apresentados em sua expressão numérica, em percentagens comparativas entre o período atual e o de três décadas passadas. Todos puderam verificar a grandiosidade das tarefas cumpridas graças à revolução e ao esforço hercúleo do povo, ao trabalho livre e engrandecedor de um regime onde desapareceu para sempre a exploração do homem pelo homem. A Albânia converteu-se na verdadeira pátria dos trabalhadores, num país que avança a ritmos acelerados para edificar completamente a primeira fase da sociedade comunista. Quando o mundo do capitalismo se debate na crise e na degenerescência, levando as massas a uma situação de extremas dificuldades, o país das águias aparece como um exemplo, indicando o caminho da emancipação nacional e social. Nele florescem as generosas idéias de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Materializam-se na nova vida em construção, ganham realce e adquirem expressão própria na medida em que traduzem a singularidade das condições históricas e sociais de um dos mais antigos povos da Europa.

Representantes do proletariado dos Cinco Continentes tomaram parte nas festividades. Delegações das vanguardas comunistas da Ásia, África, Europa, Oceânia e América Latina chegaram a Tirana para exprimir seu apoio internacionalista e transmitir saudações calorosas aos irmãos albaneses. Em primeiro lugar, destacava-se a delegação do Partido e do Estado da grande China Popular, baluarte do socialismo no mundo. Também compareceram delegações estatais e de partido da Coréia do Norte, do Vietnã do Norte e do Vietnã do Sul. A presença de tão numerosas organizações marxistas-leninistas na Albânia é testemunho do crescimento das forças revolucionárias e uma demonstração de que se vai forjando a unidade internacional da classe operária após a traição dos revisionistas contemporâneos que golpeou fundo os interesses da Humanidade trabalhadora. Centenas de mensagens de congratulações procedentes de governos amigos, organizações populares, sindicatos, correntes progressistas e da juventude foram recebidas em Tirana. Expressavam votos de novos êxitos e de avanço na realização da tarefa em que se empenha o povo laborioso daquele país. Tudo isto mostra que a Albânia não está só, apesar de ser a única nação

socialista da Europa. Ela tem inúmeros amigos e fiéis aliados da causa comum no Globo inteiro. A Albânia é uma parte do mundo proletário em ascensão. Sua defesa é tarefa não somente dos albaneses mas também dos revolucionários e das massas populares de todos os países.

Um grande desfile militar abriu as comemorações na capital albanesa. Milhares de soldados do Exército de Libertação, operários e camponeses fardados que montam guarda à inviolabilidade das fronteiras nacionais, atravessaram as largas avenidas de Tirana, exultantes de entusiasmo e de ardor patriótico. O desfile constituiu um belo espetáculo. Ponto alto das comemorações foi o discurso pronunciado pelo secretário do Comitê Central do Partido do Trabalho, o camarada Hisny Kappo. Este magnífico discurso precisa ser lido e meditado pelos trabalhadores. Após fazer um exame dos imensos êxitos conseguidos, realmente impressionantes, na edificação socialista, Kappo salientou que a grande batalha a ser permanentemente travada tem lugar na esfera da ideologia e da cultura. Sem vencer nessa esfera, não se poderá obter sucesso nem na política nem na economia. Aí está um valioso ensinamento do Partido de Henver Hodja. Se não se conquista a consciência do homem, se não se lhe dá uma nova concepção da vida, tampouco se pode contar plenamente com seu esforço físico para o bem comum, com sua integração total na sociedade fraterna e livre que se pretende criar. A passagem dos meios de produção para as mãos do povo liquida a contradição básica entre a produção social e a apropriação privada. Mas isto não basta. Os hábitos e costumes, os preconceitos arraigados, a antiga educação, a mentalidade egoísta da velha ordem que durou séculos não desaparecem da noite para o dia. É necessário lutar também nesse terreno para apressar a formação de uma outra moral, de novos padrões éticos, de comportamento efetivamente socialista da coletividade. O camarada Kappo, em sua oração, apresentou um quadro real da conjuntura do mundo e afirmou, com muita razão, que vivemos uma situação revolucionária. O capitalismo agoniza em toda parte. A saída é a revolução e o socialismo. Destacou que em tal situação o problema fundamental é saber como transformar, em cada lugar, a possibilidade que surge em realidade emancipadora. Esta realmente a correta perspectiva e a urgente tarefa dos nossos dias. Tarefa que destaca com força a necessidade do fortalecimento do Partido marxista-leninista e de sua ligação estreita com as massas. Já Stálin afirmara que há ocasiões em que o Poder da burguesia estremece até os alicerces, mas não cai se não houver a força material e política capaz de varrê-lo em definitivo. Impõe-se de igual modo a necessidade de desmascarar e isolar completamente os revisionistas e reformistas de diferentes tipos. Estes agentes da burguesia no movimento operário são entraves à unidade e à luta consequente dos explorados e oprimidos. É preciso estudar a realidade concreta e as experiências tão ricas e positivas da luta dos trabalhadores contra o oportunismo e em defesa de uma linha revolucionária.

O 30º aniversário do triunfo da causa popular na Albânia foi uma festa dos povos, dos proletários de todos os países. Assinalou um momento de importância histórica para o movimento revolucionário. Mais forte e mais brilhante ainda luziu a estrela do socialismo na Europa, na costa do Adriático, no País das Águias, apontando os caminhos da esperança, da liberdade e da vitória sobre o caduco sistema do capitalismo.

"Os cinqüenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que a luta pela formação do Partido é, ao mesmo tempo, a luta pelo domínio da teoria marxista-leninista. Lênin dizia que "sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário" e que "só um partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir sua missão de combatente de vanguarda".

(Do Documento CINQUENTA ANOS DE LUTA, de fevereiro/março de 1972, do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil)

A CONTRA-REVOLUÇÃO AUMENTA SEUS EFETIVOS (Continuação da página 7)

bil, desarmada e em uma situação desfavorável, vai-se fazendo forte, armando-se e tornando propícia a situação. Terminará por vencer. Isto a contra-revolução não terá meios para evitar. É uma contingência da história.

"A grande aspiração nacional dos dias de hoje é a derrubada da ditadura que tantos danos e sofrimentos vem causando ao Brasil, assim como a instauração de um governo e de um regime que assegurem amplas franquias democráticas e facilitem a solução dos graves problemas que afligem o país.

Nosso pensamento na luta que travamos também se orienta neste sentido. O povo brasileiro, que proclamou sua independência há 150 anos e continua lutando pela verdadeira emancipação nacional, não é imaturo como julgam os militares. É gente altiva, consciente de suas responsabilidades cívicas. Recusa-se a viver sob a tutela dos generais cuja visão dos problemas do país não vai além dos horizontes da caserna ou dos meandros tenebrosos dos serviços de informação. Já em 1909, na campanha civilista, Rui Barbosa proclamava com plena razão: "A nação governa. O Exército, como os demais órgãos do país, obedece". Este princípio fundamental foi, no entanto, invertido. São as Forças Armadas que governam e a nação não tem voz ativa. Todavia, os legítimos donos desta terra são os seus 100 milhões de habitantes. A eles - e não aos generais - cabe escolher o regime e o governo da nação. A eles compete, através de seus representantes livremente escolhidos, fazer ou derrogar as leis. Os que pretendem substituí-los no exercício de sua soberania, quaisquer que sejam os motivos invocados, são déspotas que precisam ser varridos do Poder pelo povo".

(Da CARTA A UM DEPUTADO FEDERAL, assinada pelo Comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia - junho de 1972 -)

OUÇA DIARIAMENTE:

Rádio Tirana: 31 e 42 metros - Das 20 às 21 horas
Das 22 às 23 horas

Rádio Pequim: 25 e 42 metros - Das 19 às 20 horas
19,4 e 32 metros-Das 21 às 22 horas